

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

EMANUEL SOUZA DE QUADROS

A ESTRUTURA E O USO DA  
PARASSÍNTESE NO PORTUGUÊS

Porto Alegre, dezembro de 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

EMANUEL SOUZA DE QUADROS

**A ESTRUTURA E O USO DA  
PARASSÍNTese NO PORTUGUÊS**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
como requisito para a conclusão do curso de  
Licenciatura em Letras.

Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt  
Orientador

Porto Alegre, dezembro de 2009

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt, pelo exemplo de profissionalismo, que um dia quero poder seguir, pela amizade e, sobretudo, pela segurança e pela confiança que me permitem explorar os caminhos da Linguística do meu jeito.

Aos meus colegas do Círculo Linguístico: Fonologia e Morfologia, pelas sextas-feiras agradáveis e desafiadoras. Em especial à Profa. Dra. Gisela Collischonn, de quem eu tive a sorte de ser aluno e com quem ainda tenho a honra de aprender, e à Taíse Simioni, com quem eu vivi muito do que me faz ser quem sou hoje.

Aos grandes amigos que fiz nesses cinco anos: Aline Jacques, Carla Gomes, César González, Hires Héglan, Izadora Sieczkowski, Jaqueline Conz, Juliana Feiden, Juliana Menezes, Maitê Gil, Mozart Neto, Rafael Guerra, Roberto Pedroso, Sílvia Battastini, Tamara Melo... e à professora Jussara Zilles, que reuniu boa parte desse pessoal logo no primeiro semestre! Um obrigado especial ao César, por ter sido meu grande parceiro durante boa parte da minha vida acadêmica, além de um amigo insuperável; à Hires, por ter sido minha grande incentivadora no início de tudo; e à minha dupla, Tamara, pela companhia agradável de muitos cafés no bar do Antônio e de tantos momentos que tornaram a reta final do curso de Letras bem menos penosa.

E, claro, à minha família, pelo suporte incondicional e pela compreensão em todos os momentos em que não pude estar presente.

# SUMÁRIO

<b>LISTA DE TABELAS</b> . . . . .	5
<b>RESUMO</b> . . . . .	6
<b>ABSTRACT</b> . . . . .	7
<b>1 INTRODUÇÃO</b> . . . . .	8
<b>2 DEFINIÇÕES INICIAIS</b> . . . . .	10
2.1 Parassíntese e circunfixação . . . . .	10
2.2 Hipótese da Ramificação Binária . . . . .	11
<b>3 CARACTERIZAÇÃO DO PROCESSO</b> . . . . .	13
3.1 Parassíntese . . . . .	13
3.2 Circunfixação . . . . .	14
3.3 Parassíntese ou circunfixação? . . . . .	15
<b>4 A BINARIEDADE E A PARASSÍNSESE</b> . . . . .	19
<b>5 A PRODUTIVIDADE DA PARASSÍNSESE</b> . . . . .	22
5.1 Produtividade morfológica . . . . .	22
5.2 Hipóteses . . . . .	25

<b>5.3</b>	<b>Procedimentos metodológicos</b>	<b>25</b>
<b>5.4</b>	<b>Resultados e discussão</b>	<b>27</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>32</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Paralelismos entre processos de circunfixação e de sufixação . . . . .	15
Tabela 2:	Valores de $\mathcal{P}$ por padrão de parassíntese . . . . .	28
Tabela 3:	<i>Hapax legomena</i> encontrados no <i>corpus</i> . . . . .	29

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explorar a estrutura da parassíntese do português e examinar a produtividade desse processo em um *corpus* de textos escritos. Quanto à caracterização do processo, contrapomos duas alternativas de análise propostas na literatura para dar conta dos dados relevantes: parassíntese e circunfixação. Com base em argumentos semânticos e distribucionais, defendemos que a análise parassintética é a mais adequada para o português. Verificamos que essa análise é compatível com a Hipótese da Ramificação Binária, se assumirmos que o papel da morfologia é o de gerar as estruturas morfológicas possíveis de uma língua, atestadas ou não. Nosso exame de produtividade apontou os padrões es-X-ear, des-X-ar, en-X-ecer, en-X-ar, a-X-ar e es-X-ar como produtivos, corroborando resultados presentes na literatura e acrescentando informações novas à descrição do português.

**Palavras-chave:** Parassíntese, circunfixação, binariedade, produtividade.

## ABSTRACT

The goal of this work is to explore the structure of parasynthesis in Portuguese and to assess the productivity of this process in a written corpus. As regards the characterization of the process, we compare parasynthesis proper and circumfixation as two alternative analysis, both argued for in the literature, to account for the relevant data. Based on distributional and semantic arguments, we argue that the parasynthetic analysis is more adequate for Portuguese. We also show that this analysis is compatible with the Binary Branching Hypothesis, given that we assume that the role of morphology is to generate the possible morphological structures of a language, in spite of them being actual words or not. Our assessment of the productivity of parasynthesis shows that the patterns es-*X*-ear, des-*X*-ar, en-*X*-ecer, en-*X*-ar, a-*X*-ar and es-*X*-ar are productive. Our results in this respect confirm those that are present in the literature and also provide new facts for the description of Portuguese.

**Keywords:** Parasynthesis, circumfixation, binary branching, productivity.



# 1 INTRODUÇÃO

A parassíntese é tradicionalmente definida como a adição simultânea de um prefixo e de um sufixo a uma base. Podemos observar essa simultaneidade no seguinte exemplo.

- (1) a. \* en + velho  
(prefixação)  
b. \* velh + ecer  
(sufixação)  
c. en + velh + ecer (parassíntese)

Em (1a) e em (1b), em que temos, respectivamente, adição de prefixo apenas e adição de sufixo apenas, as formas resultantes não são atestadas na língua portuguesa. Somente a forma em (1c), em que incidem prefixo e sufixo simultaneamente, é uma palavra possível nessa língua.

O exemplo anterior pode ser contrastado com o de *desorientado*, em que também incidem um prefixo e um sufixo. Contudo, as formações em (2a) e (2b) são ambas usuais na língua, de modo que podemos depreender mais facilmente dois processos morfológicos independentes e ordenados. Neste caso, não falamos em parassíntese.

- (2) a. des + orientar (prefixação)  
b. orienta + do (sufixação)  
c. desorientado (prefixação e sufixação)

Neste trabalho, investigamos a representação formal da parassíntese em português, buscando caracterizar a simultaneidade observada nesse fenômeno. Dentro desse objetivo, contrapomos a noção de parassíntese à de circunfixação, também empregada na literatura para a descrição dos dados com os quais nos ocupamos, e discutimos o problema representado por esse tipo de formação à questão da ramificação binária das estruturas morfológicas. Todas essas noções serão explicadas no capítulo seguinte.

O segundo grande objetivo deste trabalho é o de contribuir para a descrição do uso desse processo no português brasileiro, por meio de um estudo da produtividade dos padrões de parassíntese em textos escritos.

## 2 DEFINIÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, tratamos da definição de algumas noções básicas que serão importantes para o prosseguimento de nosso trabalho. As noções relevantes são a de parassíntese, a de circunfixação e a da Hipótese da Ramificação Binária.

### 2.1 Parassíntese e circunfixação

A característica principal dos dados com os quais nos ocupamos neste estudo é a existência de dois segmentos morfológicos, um à esquerda e outro à direita da base, que se encontram em uma relação de dependência, na medida em que nenhum deles pode ocorrer com a base na ausência do outro. Trata-se de uma dependência descontínua, visto que tais segmentos não se encontram adjacentes. Essa característica coloca-se como um problema para a teoria morfológica, pois normalmente se espera que as relações entre os morfemas sejam todas locais.

Há, basicamente, duas alternativas de análise para o tratamento desse tipo de dado. A primeira, mais tradicional, consiste em considerar que ocorrem prefixação e sufixação simultaneamente nesses casos, o que chamamos de parassíntese. A segunda já exige certo desvio da noção tradicional de morfema como uma cadeia ininterrupta de segmentos fonológicos ligada a um significado; trata-se de considerar que, nesses casos, incide apenas um afixo, ainda que ele seja fonologicamente interrompido pela base. Chamamos esta alternativa de circunfixação.

Trazemos, em seguida, uma definição operacional de parassíntese e de circunfixação, notando, contudo, que alguns autores não diferenciam explicitamente esses dois termos, embora tenham, implicitamente, uma opção por uma ou outra dessas alternativas de análise. Neste trabalho, essa distinção reveste-se de grande importância, dada a nossa preocupação de caracterizar a natureza dessas construções morfológicas em português.

Parassíntese pode ser definida nos termos de Scalise (1984, p. 147) como

- (3) “[...] a adição simultânea de um prefixo e de um sufixo a uma única base, originando a forma [Pre + X + Suf].”<sup>1</sup>

A circunfixação, por sua vez, pode ser definida nos termos de Mel’cuk (2006, p. 316), como o caso “em que afixos não interrompem a raiz, mas são eles mesmos interrompidos por ela”, isto é, em uma definição paralela à exposta em (3),

- (4) circunfixação é a interrupção de um afixo descontínuo por uma raiz, originando a forma [Af<sub>1</sub> + X + Af<sub>2</sub>], em que Af<sub>1</sub> e Af<sub>2</sub> representam partes de um mesmo morfema.

A diferença crucial entre as duas definições é a de que, na de parassíntese, consideram-se dois afixos em relação a uma base, ao passo que, na de circunfixação, considera-se que haja apenas um afixo, ainda que ele se manifeste fonologicamente de maneira descontínua. No capítulo 3, essas definições serão utilizadas na identificação de posições presentes na literatura.

## 2.2 Hipótese da Ramificação Binária

Uma preocupação central da linguística gerativa é a de restringir a quantidade de estruturas passíveis de serem geradas pela gramática. Uma dessas restrições é a chamada Hipótese da Ramificação Binária (HRB), de acordo com a qual os constituintes formados pela gramática são todos maximamente binários. Idealmente, esperamos que hipóteses sobre a natureza das estruturas linguísticas sejam testadas empiricamente, de modo que os dados de língua possam refutá-las ou não. No caso da HRB, no entanto, os argumentos costumam ser puramente teóricos e normalmente associados a uma noção de simplicidade, já que, intuitivamente, ramificações binárias são mais simples do que as n-árias.

De acordo com Guevara (2007), sempre houve pouco esforço de discussão empírica dessa limitação estrutural. Ainda assim, ela é largamente aceita em algumas correntes centrais da linguística gerativa. Um caso característico é o do Programa Minimalista, com sua operação fundamental de *Merge*. Chomsky (1995) considera que essa operação se aplica a pares de objetos sintáticos, construindo constituintes binários, sem, contudo, trazer argumentos que fundamentem essa definição.<sup>2</sup> De outro lado, há também cor-

<sup>1</sup> “[...] the simultaneous attachment of a prefix and a suffix to a single base, giving the form [Pre + X + Suf]”. Cabe ressaltar que, posteriormente, Scalise (1984, p. 149) rejeita a estrutura que consta nessa definição tradicional, preferindo, para a parassíntese verbal do italiano, uma estruturação em nós binários, condizente com sua proposta de que nessa estrutura morfológica incidem dois processos de afixação ordenados entre si: [Pre + [[X] + Suf]].

<sup>2</sup> “The simplest such operation takes a pair of syntactic objects (SO<sub>i</sub>, SO<sub>j</sub>) and replaces them by a new combined syntactic object SO<sub>ij</sub>. Call this operation *Merge*” (CHOMSKY, 1995, p. 226).

rentes teóricas que rejeitam a HRB, como o modelo de *Simpler Syntax*, de Culicover e Jackendoff (2005). Esses autores questionam a noção de simplicidade que favorece a estruturação binária, notando que a simplificação das possibilidades de ramificação em uma árvore sintática implica a necessidade de se aumentar o número de nós ramificados na árvore. Por outro lado, uma redução do número de nós requer um aumento no número de possibilidades de ramificação. Na ausência de uma noção independente de complexidade e de argumentos empíricos que decidam a questão, qualquer das opções de redução é igualmente válida. Com Guevara (2007, p. 2), “poderíamos dizer que o status da HRB na teoria linguística é (ainda) o de um axioma, uma asserção cuja verdade se considera desnecessário demonstrar”.

Especificamente no domínio da morfologia gerativa, considerou-se, desde o princípio, uma noção de binariedade como limitadora das estruturas passíveis de serem geradas pela gramática. Uma formulação clássica desse princípio é a restrição imposta por Aronoff (1976) a suas regras de formação de palavras de que a cada regra corresponde apenas uma operação, comumente uma operação de afixação. Essa restrição exclui a possibilidade de que uma mesma regra adicione um prefixo e um sufixo a uma base, de modo que, para Aronoff (1976), todas as operações de formação de palavras são essencialmente binárias, relacionando apenas dois operadores: base e afixo.

Ao contrário do que se observa na teoria sintática, a HRB na morfologia fundamenta-se também em observações empíricas, na medida em que os processos morfológicos, em sua maioria, envolvem interações entre dois elementos, normalmente um afixo e uma base. Para alguns autores, como Lieber (1980), não há dados linguísticos que obriguem a consideração de estruturas n-árias nesse domínio da gramática:

[...] meu sistema [...] gerará estruturas arbóreas binárias não rotuladas. Nada na discussão que segue depende da escolha por ramificações binárias, em oposição a ramificações arbóreas n-árias: simplesmente não parece haver fenômenos nas línguas que examinei até agora para os quais estruturas lexicais com ramificações n-árias sejam necessárias. (LIEBER, 1980, p. 82)<sup>3</sup>

No capítulo 4, discutiremos a relação entre as dependências descontínuas observadas nos dados do português e a HRB, visto que essas dependências são comumente consideradas como contraexemplos a essa hipótese.

---

<sup>3</sup>[...] my system [...] will generate unlabeled binary branching tree structures. Nothing in the following discussion hinges on the choice of binary branching, as opposed to n-ary branching tree structure: there simply seem to be no phenomena in the languages I have examined so far for which n-ary branching lexical structure is necessary. (LIEBER, 1980, p. 82)

### 3 CARACTERIZAÇÃO DO PROCESSO

Neste capítulo, fazemos uma breve revisão das posições adotadas na literatura quanto à estruturação das palavras tradicionalmente chamadas de parassintéticas. Comparamos, mais especificamente, análises que propõem uma estrutura parassintética com análises por circunfixação, considerando as definições em (3) e (4).

#### 3.1 Parassíntese

Basílio (2007) reconhece o uso da denominação “derivação circunfixal” para este processo de formação de palavras, mas prefere, em vez dela, o rótulo de “derivação parassintética”, o que vai ao encontro de sua análise do processo, visto que, segundo ela, trata-se da adição simultânea de um prefixo e de um sufixo a uma base, nos moldes da definição em (3). O argumento crucial para esta escolha é a observação de que, na parassíntese do português, o prefixo exerce função semântica, ao passo que o sufixo exerce função sintática e/ou semântica. Dada essa constatação, seria difícil oferecer suporte a uma análise de circunfixação, já que ela implicaria a identidade morfológica entre o segmento que se encontra à esquerda e o que se encontra à direita da base - isto é, eles teriam de exercer a mesma função.

O exemplo fornecido pela autora a esse respeito é a palavra *desalmado*, em que *-ado* é responsável por caracterizar o ser qualificado pelo adjetivo como possuidor virtual do que é expresso pela base, enquanto *des-* tem função privativa, de negar essa atribuição de posse; o resultado é uma significação de “desprovido de alma” para *desalmado* (cf. Basílio (2007, p. 50)). Podemos ver, neste caso, que prefixo e sufixo têm funções claramente distintas, de modo que não parece motivado considerá-los como um afixo descontínuo.

A mesma observação é feita por Sandmann (1991), que também considera os dados relevantes do português como produtos de um processo de derivação parassintética.

No caso do verbo parassintético temos, por exemplo, o sintagma *em-*

+ *cano* mais o sufixo formador de verbo *-ar*: *encanar*. O fato é que o sufixo muda a classe da palavra a que pertence a base (*cano*), enquanto o prefixo tem apenas função semântica [...] (SANDMANN, 1991, p. 73-74)

### 3.2 Circunfixação

Com o fim de preservar a Hipótese da Ramificação Binária, Monteiro (2002) prefere uma análise por circunfixação. O autor a contrapõe a uma análise parassintética que pressupõe duas operações de afixação, preservando uma estruturação binária. Para ele, esta análise tem o inconveniente de gerar derivações em que um dos estágios intermediários é uma palavra inexistente na língua (p. ex. *pobre* → *\*pobrecer* → *empobrecer*). Uma análise por circunfixação, de acordo com Monteiro (2002), resolve ambos os problemas: é capaz de preservar uma estruturação binária, porque postula uma relação entre apenas dois constituintes, base e circunfixo; e não gera palavras não atestadas em estágios intermediários da derivação, por ser um processo de afixação apenas. Contudo, o autor não considera as consequências dessa análise no que diz respeito ao caráter do segmento inicial e do segmento final do circunfixo.

Preocupada com esse aspecto, Rio-Torto (1998) deixa claro o pressuposto de sua análise por circunfixação de que “a adjunção de ambos os segmentos é simultânea e que a informação semântica que estes aduzem não é descontínua ou autónoma.” A autora, no entanto, não fundamenta essa afirmação por meio dos dados. Em vez disso, o principal argumento trazido em favor de sua análise por circunfixação é a necessidade de se enquadrar o processo de formação dos verbos estudados na tipologia de processos de afixação da qual também fazem parte prefixação, sufixação e infixação. Ao contrário da circunfixação, a parassíntese não se encaixaria nesse quadro, por não ser apenas um processo de afixação como os demais.

Outro argumento trazido por Rio-Torto (1998) é o paralelismo existente entre os circunfixos propostos e os sufixos independentemente existentes na língua, que pode ser observado na Tabela 1, resumida e adaptada de Rio-Torto (1998, p. 218).

O que vemos na Tabela 1 é que, para cada circunfixo postulado pela autora, há um sufixo correspondente que tem a mesma forma do segmento final do circunfixo. Falta na discussão da autora, entretanto, um detalhamento de como a existência desses paralelismos poderia favorecer uma análise por circunfixação, em oposição a uma por parassíntese. Como veremos na seção 3.3, a direção do argumento parece ser a contrária, isto é, a existência desses paralelismos parece favorecer uma análise parassintética.

Tabela 1: Paralelismos entre processos de circunfixação e de sufixação

<b>Circunfixos</b>	<b>Verbos formados por circunfixação</b>	<b>Sufixos</b>	<b>Verbos formados por sufixação</b>
a- ... -iz-	<i>aterrorizar, atemorizar</i>	-iz-	<i>idealizar, urbanizar, escravizar, tiranizar, vaporizar, arborizar</i>
en- ... -iz-	<i>encolerizar</i>		
es- ... -e-	<i>esfaquear, estontear, esverdear</i>	-e-	<i>altear, branquear, clarear, fundear, florear</i>
a- ... -ej-	<i>apedrejar</i>	-ej-	<i>doidejar, fraquejar, verdejar, rumorejar, versejar</i>
es- ... -ej-	<i>esbravejar</i>		
a- ... -ec-	<i>amadurecer, amolecer, apodrecer, amanhecer, anoitecer</i>	-ec-	<i>amarelecer, escurecer, humedecer, fortalecer, favorecer</i>
en- ... -ec-	<i>endoidecer, engrandecer, empalidecer, ensurdecer, enraivecer, entardecer</i>		
es- ... -ec-	<i>esclarecer</i>		

### 3.3 Parassíntese ou circunfixação?

Como vimos na Introdução, a parassíntese e a circunfixação podem ser vistas como alternativas de análise para a mesma classe de dados observada nas línguas, qual seja, a das palavras em que incidem mais de um segmento morfológico simultaneamente, de tal forma que parece haver uma dependência descontínua entre esses segmentos. Não é necessário que uma ou outra dessas alternativas seja a correta para todas as línguas em que esse tipo de dependência descontínua se verifica, ou mesmo para todos os dados de uma determinada língua. Diante de cada sistema linguístico é necessário verificar o comportamento dos dados, a fim de classificá-los como formações parassintéticas ou circunfixais.

Os dados do português parecem favorecer uma análise parassintética, visto que, como apontam Basílio e Sandmann, a parte prefixal e a parte sufixal das formações relevantes dessa língua parecem ser morfológicamente independentes, exercendo funções sintáticas e semânticas distintas, cf. seção 3.1. Porém, antes de decidirmos por essa análise, é necessário considerarmos os argumentos trazidos pelas análises que propõem uma estrutura circunfixal para os dados do português.

O argumento principal, trazido por Rio-Torto (1998) e por Valente et al. (2009), é o de que a semântica dessas construções pode ser mais bem definida se considerarmos o segmento que se encontra à esquerda e o que se encontra à direita da base como um



mesmo morfema. Dessa forma, não se poderiam depreender funções autônomas para cada um desse segmentos.

Já vimos, contudo, com Basílio (2007) e Sandmann (1991), que, ao menos no caso da derivação parassintética envolvendo o prefixo *des-* (p. ex. *descamisado*, *destronar*), a contribuição semântica do prefixo é claramente distinta da contribuição semântica e sintática do sufixo. Nos demais casos, essa diferenciação nem sempre é muito clara. Ainda assim, podemos notar algumas regularidades. Olhemos, por exemplo, para os seguintes paradigmas.

(5)

aterrorizar	apedrejar	apodrecer
encolerizar	—	empalidecer
—	esbravejar	esclarecer
escravizar	versejar	fortalecer

Em cada coluna, podemos observar uma significação mais ou menos constante atrelada ao sufixo. Na primeira, referente à terminação *-izar*, temos um valor causativo, em que, conforme Mateus et al. (1989, p. 97), “uma dada entidade x determina a passagem de uma entidade y de um estado (-p) para outro estado (p)”. Na segunda coluna, em que figura a terminação *-ejar*, observamos um valor aspectual iterativo, em que “um estado de coisas (p) localizado num intervalo de tempo (I) ocorre n vezes nesse (I)” (MATEUS et al., 1989, p. 97). Por fim, na terceira coluna, em que temos a terminação *-ecer*, o que podemos notar é um valor aspectual incoativo, que exprime, conforme Hlibowicka-Weglarz (1998, p. 145) “uma mudança de estado, uma passagem de um dado estado (-p) para outro estado (p); ou, exprimem o começo da acção a que segue uma mudança de estado; ou, às vezes, o seu desenvolvimento”.

Podemos atribuir essas parcelas de significado a cada um dos sufixos em (5), porque elas se mantêm ao longo de cada coluna, independentemente de qual for a sequência que se encontra à esquerda da base, ou mesmo na ausência de uma tal sequência. Isso contraria o pressuposto básico da análise por circunfixação de que os segmentos que compõem o circunfixo não são autônomos. Uma análise desse tipo teria de considerar muitos circunfixos quase idênticos, diferenciando-se apenas por um dos segmentos, o da esquerda ou o da direita. E seria meramente acidental o fato de os circunfixos que se assemelham fonologicamente de algum modo terem funções parecidas. Já em uma análise parassintética, esse fato é explicado de maneira natural, porque ela assume, por exemplo, que a sequência *-izar* de *aterrorizar* é, morfologicamente, a mesma de *encolerizar*.

Rio-Torto (1998) ainda traz dois argumentos menos expressivos, já mencionados na seção anterior. Um deles é o de que a circunfixação, ao contrário da parassíntese, encaixa-

se em uma tipologia mais geral de tipos de afixação, que inclui prefixação, sufixação e infixação. Por esse motivo, uma análise por circunfixação deveria ser preferida, pois postula apenas uma operação de adição de afixos, como todas as outras dessa tipologia. Entretanto, esse argumento parece incorrer em uma petição de princípio, na medida em que já toma como certa sua conclusão de que o fenômeno linguístico em questão caracteriza-se como um processo de afixação simples, que, por isso, deveria se encaixar na tipologia mencionada. Se consideramos, no entanto, que estamos frente a um processo de parassíntese, ou seja, de um processo composto, de que participam tanto prefixação como sufixação, a necessidade de enquadrá-lo nessa tipologia como uma categoria à parte desaparece. Em vez disso, teríamos um processo que se utiliza de dois dos possíveis processos de afixação: prefixação e sufixação. Ademais, se fosse possível demonstrar que, para todas as línguas, a análise correta dos dados relevantes é uma análise parassintética, teríamos uma desejável simplificação dessa tipologia, com a exclusão da operação de circunfixação.

O outro argumento trazido pela autora, mencionado no fim da sessão anterior, é o de que a consideração de um processo de circunfixação no português escora-se “na equivalência tipológica entre o padrão de formação de verbos por circunfixação e outros esquemas afixais de formação de verbos em português, nomeadamente o de derivação sufixal” (RIO-TORTO, 1998, p. 217). A autora refere-se à coincidência formal entre o segundo segmento dos circunfixos que propõe e alguns sufixos existentes na língua, conforme a Tabela 1. Contudo, a autora não deixa clara a conexão desse fato com a análise que propõe, isto é, por que a existência desses paralelismos favorece uma análise por circunfixação?

Nossa resposta é de que esse tipo de análise não é favorecido por esses paralelismos. Em vez disso, o argumento pode ser invertido. O fato de uma mesma sequência fonológica aparecer ora como sufixo isolado, ora em coocorrência com uma sequência prefixada à base, já nos dá um indício de que, em ambos os casos, essa sequência é um mesmo morfema. De outro modo, essa coincidência de forma seria acidental.

Além disso, como a própria autora nota, há várias combinações possíveis entre os segmentos que ocorrem antes e os que ocorrem depois da base, como vemos abaixo.

(6)

a- ... -izar	en- ... -izar	—
a- ... -ejar	—	es- ... -ejar
a- ... -ecer	en- ... -ecer	es- ... -ecer
—	en- ... ear	es- ... -ear
a- ... -ar	en- ... -ar	es- ... -ar

A distribuição dos segmentos prefixais e dos sufixais em (6) nos indica, novamente,

que há certa independência entre eles. Se olharmos, por exemplo, para o sufixo *-ec-*, da terminação *-ecer-*, na terceira linha, vemos que ele pode ocorrer simultaneamente com *a-*, com *en-* ou com *es-*. Também, neste caso, seria acidental se a mesma sequência *ecer* fizesse parte de três circunfixos diferentes, sendo que os segmentos restantes desses circunfixos *a*, *en* e *es* também formariam outros afixos descontínuos com outros segmentos sufixais. Parece-nos mais econômico gerar esses 12 padrões de parassíntese a partir da combinação dos três prefixos e dos cinco sufixos, aceitando a existência de algumas lacunas combinatórias.

Como vimos na seção anterior, a análise por circunfixação proposta por Monteiro (2002) visa a preservar uma estruturação binária e a garantir que não haja estágios derivacionais que não correspondam a palavras não atestadas na língua. A binariedade, por si só, não é um problema para a análise parassintética, desde que possamos depreender uma sequência entre os dois processos de afixação, como veremos adiante, no capítulo 4. No entanto, uma análise parassintética binária encontra, de fato, a necessidade de considerar estágios derivacionais que não se configuram como palavras da língua. Discutiremos essa questão com mais detalhe no capítulo seguinte.

Neste capítulo, apresentamos e discutimos algumas análises que tentam dar conta dos dados que evidenciam dependência descontínua entre um segmento prefixal e um segmento sufixal no português. Contrapomos trabalhos que adotam uma das duas visões apresentadas no capítulo 3, buscando entender a natureza dessas construções morfológicas na língua portuguesa. Nossa discussão nos levou à conclusão de que os dados relevantes dessa língua são formados por parassíntese, o que nos leva a outro problema de análise: o de caracterizar a estruturação em constituintes dessas palavras, tendo em vista a simultaneidade observada entre o prefixo e o sufixo na parassíntese.

## 4 A BINARIEDADE E A PARASSÍNTESE

A parassíntese é frequentemente aduzida como um contraexemplo à Hipótese da Ramificação Binária (HRB), com a sugestão de que este processo exigiria um tratamento envolvendo ramificações ternárias. Essa consideração é motivada pela conjunção da HRB e de outra hipótese sobre o funcionamento das regras de formação de palavras, proposto por Aronoff (1976): a de que novas palavras são formadas a partir da aplicação de uma regra a uma palavra já existente na língua. Nas palavras de Booij (1977),

A hipótese “um afixo, uma regra”, combinada com a hipótese de que regras de formação de palavras somente se aplicam a palavras já existentes, indica que uma nova palavra complexa só pode ser derivada, se esta palavra subtraída de um afixo também for uma palavra possível. (Booij, 1977, p. 32)<sup>1</sup>

Para esses autores, então, teríamos em (7a) uma derivação válida, pois a subtração do afixo *-ção* da palavra *orientação* resulta em uma palavra possível, mas teríamos uma derivação inválida em (7b-i), pois a subtração do afixo *des-* da palavra *desalmado* não resulta em uma palavra possível na língua. Dessa forma, uma derivação de *desalmado* por meio da formação de constituintes binários seria, por princípio, descartada. Faz-se necessária uma alternativa de análise com um constituinte ternário, como em (7b-ii); essa alternativa, contudo, é descartada pela HRB.

- (7) a.  $[\text{orientar}]_V \rightarrow [[\text{orienta}]_V \text{ção}]_N$   
 b. i.  $[\text{alma}]_N \rightarrow *[[\text{alma}]_N \text{do}]_A \rightarrow [\text{des} [[\text{alma}]_N \text{do}]_A]_A$   
 ii.  $[\text{alma}]_N \rightarrow [\text{des} [\text{alma}]_N \text{do}]_A$

Aceitando, por ora, a HRB, podemos nos perguntar se o princípio de que todos os estágios intermediários de uma derivação morfológica devem ser palavras atestadas na

---

<sup>1</sup>No original: “The ‘one affix a rule’ hypothesis combined with the hypothesis that WF-rules apply to words only, implies that new complex words can only be derived if this word minus one affix is also a possible word.”

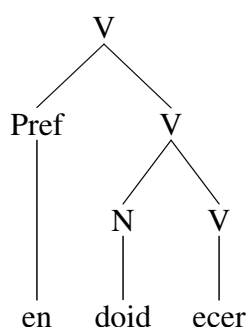
língua deve ser mantido. Vemos, primeiramente, que esse princípio não é uma propriedade geral da gramática. Um sintagma verbal como [beber [uma camiseta]], por exemplo, pode nunca ser atestado como um enunciado ou mesmo como parte de um enunciado. Entretanto, esse constituinte sintático certamente poderia ser um passo intermediário de uma derivação, como a que caracteriza a sentença “É impossível beber uma camiseta”. O importante aí é que cada constituinte, cada passo intermediário da derivação, seja uma estrutura permitida pela gramática da língua.

Podemos imaginar que a morfologia seja mais parecida com a sintaxe nesse sentido. Isto é, podemos assumir que a morfologia é um sistema gerativo que define as estruturas morfológicas possíveis na língua, sem se preocupar, necessariamente, como fato de elas serem utilizadas de fato ou não. Essa visão da morfologia segue uma longa tradição dentro da linguística gerativa, desde o trabalho seminal de Halle (1973).

É importante, neste momento, lembrar os paralelismos observados por Rio-Torto (1998), expostos na Tabela 1. Esses dados mostram que as sequências base + sufixo presentes nas estruturas parassintéticas do português também existem isoladamente, formando outras palavras da língua (p. ex. *verdejar*, *escravizar*, *escurecer*). Sabemos, então, que essas sequências se configuram como constituintes permitidos pela gramática morfológica do português, podendo ou não se instanciar como palavras independentes.

Adotando a visão da morfologia mencionada acima, podemos postular a seguinte estrutura básica para a parassíntese do português, exemplificada com *endoidecer*.

(8)



Essa estrutura também é assumida por Schwindt (2001), para o português, e por Scalise (1984), para o italiano. Ela tem a vantagem de explicitar os paralelismos observados na Tabela 1, mostrando que a relação existente entre a base e o sufixo no constituinte mais interno das formações parassintéticas é a mesma que existe entre base e sufixo nos casos de sufixação simples. Além disso, essa análise mantém o padrão geral da determinação da categoria morfossintática das palavras complexas do português, qual seja, o de que é o constituinte da direita que determina essa característica da palavra complexa.

Imaginar que a morfologia pode gerar estágios intermediários que não se configuram como palavras isoladamente não é uma solução invocada para dar conta apenas dos dados de parassíntese. Como afirma Scalise (1984), a necessidade de se considerar uma visão de morfologia com essas características já foi demonstrada no tratamento de outros problemas. Ao discutirem essa questão, Di Sciullo e Williams (1987) trazem como exemplo *churchgoer* 'devoto' e *sad-seeming* 'que aparenta tristeza', do inglês, cujos constituintes *\*goer* e *\*seeming* são constituintes morfologicamente complexos que não funcionam como palavras isoladamente. Assim como a parassíntese, esses dados parecem exigir a consideração de constituintes morfológicos que não são palavras atestadas na língua em questão.

Neste capítulo, vimos que o problema da análise parassintética de termos de assumir estruturas n-árias na morfologia desaparece, se assumirmos uma visão da morfologia que não seja dependente do conceito de "palavra existente" e que trabalhe, em vez disso, com o conceito de "palavra possível" sobretudo. Adotamos a estrutura em (8) para caracterizar as formações parassintéticas do português, notando suas vantagens. Caracterizada a estrutura da parassíntese dessa língua, passaremos à descrição de seu uso, no que diz respeito à produtividade do processo.

## 5 A PRODUTIVIDADE DA PARASSÍNTESE

Neste capítulo, trazemos os resultados de nosso estudo da produtividade dos padrões de parassíntese do português, realizado sobre um *corpus* de textos escritos. Este estudo tem dois objetivos principais. O primeiro é o de fornecer mais dados para o exame do uso dessas construções na língua, por meio de um *corpus* mais amplo e atualizado, já que os estudos existentes esbarram na dificuldade de mapear um bom número de formações parassintéticas novas, devido a restrições do tamanho do *corpus*. Essa dificuldade existe, porque a parassíntese não é um processo de formação de palavras tão frequente quanto a sufixação ou a prefixação simples.

Nosso segundo objetivo é o de buscar, por meio do exame de produtividade, evidências para nossa preferência por uma análise parassintética dos dados do português. Mais especificamente, buscamos verificar se os afixos que participam das dependências descontínuas estudadas nesse trabalho apresentam um comportamento autônomo também no que diz respeito à produtividade morfológica.

### 5.1 Produtividade morfológica

Resta claro da extensa discussão de Bauer (2001) que “produtividade” ainda não é um conceito bem definido na linguística, mesmo no que diz respeito à “produtividade morfológica”, que vem sendo largamente estudada desde os primórdios da morfologia gerativa, a partir do estudo clássico de Aronoff (1976).

Um conceito informal que nos servirá de guia neste estudo é o de Aronoff e Anshen (1998, p. 242), que colocam produtividade como “a probabilidade de um afixo particular ser usado na produção de novas palavras da língua”. Nessa visão, os processos morfológicos de uma língua colocam-se em um *continuum* de produtividade, de acordo com a possibilidade de eles serem usados na formação de novas palavras. Em uma ponta desse *continuum*, estão os processos não produtivos, como a afixação de *-iz* (e.g. *aprendiz*), que não formam novos vocábulos de maneira espontânea; no outro lado do *continuum*,

encontram-se os processos altamente produtivos, como os sufixos flexionais e alguns sufixos derivacionais como *-inhol-zinho*; entre esses dois extremos, encontra-se o restante dos processos morfológicos, que apresentam algum grau de produtividade não absoluto, mas maior do que zero. É sobre essa área intermediária do *continuum* que se centra o interesse dos estudos dedicados a fornecer medidas de produtividade de processos de formação de palavras.

Uma primeira proposta de medida de produtividade, no âmbito da morfologia gerativa, foi a sugestão de Aronoff (1976, p. 36) de que ela pode ser dada pela razão entre o número de palavras produzidas por uma regra de formação de palavras e o número de palavras potenciais, que poderiam ser produzidas pela mesma regra. Isso é formalizado em Bauer (2001), citando Baayen e Lieber (1991), como

$$(9) \quad I = \frac{V}{S}$$

em que I é o índice de produtividade, obtido pela razão entre V, o número de palavras formadas pelo processo, e S, o número de palavras que poderiam ter sido formadas pelo mesmo processo.

Esse cálculo, contudo, não nos oferece uma medida prática, que possa ser utilizada em nosso estudo. Isso porque, para a maioria dos processos morfológicos, é difícil saber, com clareza, qual o número de palavras potenciais, que poderiam ser formadas pela sua aplicação.

Uma medida mais prática, que nos parece apropriada para testar a produtividade relativa de processos morfológicos, é a proposta por Baayen (v. Baayen (1992)). Esse autor sugere que um índice de produtividade de um processo pode ser dado pela seguinte fórmula.

$$(10) \quad \mathcal{P} = \frac{n_1}{N}$$

Em (10),  $n_1$  é o número de palavras formadas pelo processo que ocorrem no *corpus* apenas uma vez (chamadas de *hapax legomena*), e N é o número de ocorrências das palavras formadas pelo processo no mesmo *corpus*.

Essa medida de produtividade é motivada pela observação de que “a frequência média de ocorrência de palavras derivadas por processos produtivos costuma ser menor do que a de palavras correspondentes derivadas por processos não produtivos” (BAUER, 2001, p. 147). Sendo assim, espera-se que haja um maior número de *hapax legomena* resultantes de processos produtivos do que de processos não-produtivos, de modo que o primeiro tipo de processo deve atingir um índice  $\mathcal{P}$  mais elevado do que o segundo. Bauer (2001) cita Aronoff (1983) e Baayen e Lieber (1991) como estudos que confirmam empiricamente esse padrão.



Há, pelo menos, três razões para a existência dessa generalização. A primeira refere-se ao significado das palavras morfológicamente complexas. Como aponta Bauer (2001), palavras resultantes de padrões não-produtivos são, necessariamente, armazenadas no léxico e estão, portanto, sujeitas a sofrer todo tipo de especialização semântica, podendo expressar vários significados distintos. Por sua vez, palavras formadas por processos produtivos possuem, normalmente, apenas o significado composicional derivado da própria semântica do padrão morfológico em questão. Na medida em que a frequência de ocorrência de uma palavra reflete a gama de possibilidades de uso definidas pelo seu significado, formações semanticamente mais complexas, referentes aos processos não-produtivos, devem ser mais frequentemente utilizadas do que palavras de significado mais composicional, referentes aos processos produtivos.

Outro motivo para a existência da generalização que subjaz à formulação do índice de produtividade  $\mathcal{P}$  é o fato de que formações novas estão menos sujeitas a serem familiares à maioria dos usuários da língua. Espera-se, por isso, que elas ocorram com menos frequência do que palavras já institucionalizadas, que tendem a ser utilizadas por um número maior de falantes.

Por fim, conforme Baayen (2003), temos o que nos diz a teoria da probabilidade sobre o número de diferentes espécies (*types*) observadas em um dado número de ocorrências (*tokens*). Imaginemos uma série de ocorrências de itens de uma classe fechada, como os pronomes da língua portuguesa. Na primeira ocorrência, a probabilidade de que se trate de uma nova espécie, de um pronome não encontrado anteriormente, é, evidentemente, de 100%. Contudo, na medida em que observamos mais ocorrências de itens dessa classe, a probabilidade de encontrarmos novas espécies decresce até chegar a 0%, visto que se trata de uma classe não-produtiva, isto é, o número de pronomes do português é finito. Se imaginarmos, agora, uma série de ocorrências de itens de uma classe aberta, como a dos verbos dessa língua, podemos nos perguntar, em qualquer ponto dessa série, sobre a probabilidade de encontrarmos uma espécie nova de verbo, e a resposta sempre será maior do que zero, visto que há processos derivacionais na língua capazes de criar um número potencialmente infinito de verbos novos. Os processos morfológicos não-produtivos e os produtivos devem se comportar como as classes fechadas e as abertas, respectivamente; isto é, espera-se que a probabilidade de encontrarmos espécies novas resultantes de processos não-produtivos chegue a zero, dado um número suficiente de observações. Por outro lado, espera-se que a probabilidade de encontrarmos espécies novas resultantes de processos produtivos mantenha-se sempre maior do que zero, com a distância desse valor sendo correspondente ao grau de produtividade do processo. É essa probabilidade de se encontrarem novas palavras resultantes de processos morfológicos que o índice  $\mathcal{P}$  busca aferir.

## 5.2 Hipóteses

Sandmann (1988), em sua busca por palavra novas em textos de jornal, encontrou quatro formações parassintéticas: *acaudilhar*, *desfavelar*, *ensombrecer* e *desdolarizar*. Coloca-se, naturalmente, a hipótese de que os padrões de parassíntese aí envolvidos (a-X-ar, des-X-ar, en-X-ecer e des-X-izar) também se mostrarão produtivos em nosso estudo. Isto é, espera-se que a medida de produtividade proposta em (10) atribua a esses padrões uma grande probabilidade de formarem novos itens lexicais, de modo que o fato de Sandmann (1988) ter encontrado formações novas com esses padrões seja reflexo dessa probabilidade.

Além dessa hipótese de motivação descritiva, temos uma de caráter mais teórico, que diz respeito à discussão realizada no capítulo 3. Nessa discussão, chegamos à conclusão de que o segmento inicial e o segmento final de uma construção parassintética são morfemas independentes. Sendo assim, podemos esperar que cada um deles também tenha um grau de produtividade independente dos morfemas com os quais coocorre em construções parassintéticas. Por exemplo, se estabelecermos que *-ecer* é um sufixo produtivo, disponível para a formação de vocábulos parassintéticos, esperamos que ele se mostre produtivo em coocorrência com qualquer dos prefixos que participam desse tipo de construção, desde que esses prefixos também apresentem algum grau de produtividade.

Evidentemente, é preciso bastante cuidado na interpretação dos resultados referentes a essa segunda hipótese. Caso ela seja corroborada, temos mais um motivo para preferir uma análise parassintética dos dados português. Contudo, sua refutação não invalida essa análise, visto que um afixo pode ter sua produtividade influenciada por restrições contextuais, como a presença de um outro afixo determinado; restrições estas que ainda desconhecemos no caso da parassíntese.

## 5.3 Procedimentos metodológicos

Nosso *corpus* é composto por textos escritos extraídos de blogs. Esse tipo de fonte foi escolhido, porque blogs costumam ter uma linguagem mais informal do que outros tipos de texto escrito e por, normalmente, não estarem sujeitos a nenhum tipo de editoração externa, de modo que há maior probabilidade de palavras novas serem encontradas e de elas não serem tolhidas por não se encontrarem já institucionalizadas.

Para a coleta dos textos, fizemos uso da tecnologia do RSS (*Really Simple Syndication*), que permite a agregação do conteúdo de sites que são atualizados constantemente, como é o caso dos blogs. Parte essencial dessa tecnologia são os chamados *feeds* RSS, arquivos que armazenam o conteúdo publicado em um site em um formato padronizado.

Esse arquivo pode então ser acessado por diferentes usuários, por meio de qualquer plataforma que reconheça esse formato.

Para acessar os *feeds* dos blogs que compõem o nosso *corpus*, utilizamos o programa Liferea (Linux Feed Reader)<sup>1</sup>. Trata-se de um agregador de *feeds*, que permite que o usuário receba as atualizações de sites que utilizem a tecnologia RSS. O programa armazena o conteúdo dos sites em um banco de dados em formato SQLite, o que permite o acesso a esses dados por outros programas<sup>2</sup>.

A fim de extrair as palavras do conteúdo armazenado no banco de dados, realizando a contagem básica do número de palavras e do número de ocorrência de cada uma delas, elaboramos um programa para acessar o *corpus* construído pelo Liferea e criar um outro banco de dados com as palavras encontradas. No Apêndice A, trazemos o código-fonte desse programa, escrito em Python 3<sup>3</sup>. Esse programa utiliza funções de um outro arquivo de código, apresentado no Apêndice B, responsável por transformar o código HTML dos textos de blog em um texto simples a ser processado por nosso programa de busca.

Em linhas gerais, o programa executa as seguintes operações. Primeiramente, ele lê o banco de dados composto pelo Liferea e extrai as palavras de cada texto, eliminando sinais gráficos irrelevantes. Para cada palavra, o programa extrai também o endereço exato na internet em que cada uma de suas ocorrências foi encontrada e conta o número dessas ocorrências. Por fim, esses dados são armazenados em um novo banco de dados, também utilizando o formato SQLite, para posterior acesso pelo programa que busca os padrões de parassíntese.

O programa que, de fato, busca os padrões de parassíntese, também escrito em Python 3 (v. Apêndice C), foi escrito com vistas a ser generalizado para outros estudos em *corpora* semelhantes. Em linhas gerais, o programa lê um arquivo de entrada com expressões regulares e retorna um arquivo de saída com as palavras do *corpus* que satisfazem as expressões dadas como entrada, juntamente com os endereços em que se verificam ocorrências dessas palavras.

Expressões regulares foram importantes ferramentas para a realização do nosso estudo, pois elas fornecem uma maneira concisa e altamente flexível de definir sequências de caracteres. Por exemplo, por meio da expressão regular em (11), o programa encontra todas as palavras que contenham a letra “a”, no início, seguida de um número qualquer de letras, seguidas da sequência “iz”, sem exigir que esta esteja em fim de palavra. Dessa forma, encontram-se todas as palavras do *corpus* formadas pelo padrão de parassíntese a-

---

<sup>1</sup>Este programa está disponível para o sistema operacional Linux e outros derivados do Unix, no site <http://liferea.sourceforge.net/>.

<sup>2</sup>Mais informações em <http://sqlite.org/>.

<sup>3</sup>Python é uma linguagem de programação altamente portátil, disponível nos sistemas Windows, Linux/Unix, Mac OS X, entre outros. Mais informações podem ser encontradas em <http://www.python.org/>.

X-izar, incluindo formas derivadas e flexionadas desses verbos (p.ex. *aterrorizar*, *aterro-  
rizantes*, *aterrorizaria*). As expressões regulares utilizadas em nossa busca encontram-se  
no Apêndice D.

(11)  $\hat{a}.*iz$

Uma limitação desse método é a impossibilidade de definir expressões regulares  
que encontrem apenas os casos de parassíntese. Necessariamente, outros tipos de dado  
também são encontrados pelo programa, por exemplo, para a expressão em (11), *atriz* e  
*arizotônica*. Por isso, após a seleção de dados feita pelo programa, foi necessário revisar  
o arquivo de saída, a fim de excluir manualmente as palavras irrelevantes.

Nosso *corpus* contou com 2.882.620 ocorrências de 138.621 palavras. As expressões  
regulares que elaboramos selecionaram, desse universo, 14.684 palavras. Após nossa  
seleção manual, restaram 983 palavras que, de fato, revelavam formações parassintéticas.  
Essas 983 palavras foram divididas de acordo com o padrão de parassíntese que manifes-  
tavam, e, em seguida, procedeu-se à contagem dos *hapax legomena* para que se efetuas-  
sem os cálculos de produtividade.

## 5.4 Resultados e discussão

Na tabela seguinte, trazemos o número de palavras, o número de ocorrências, o  
número de *hapax legomena* e os valores de  $\mathcal{P}$  para cada um dos padrões de parassíntese  
estudados, em ordem decrescente de  $\mathcal{P}$ .

Notamos na Tabela 2 que os padrões des-X-ar, en-X-ecer e a-X-ar, que apresentaram  
formações novas no estudo de Sandmann (1988), também aparecem aqui como produtivos,  
confirmando a hipótese lançada na seção 5.2. A exceção é o padrão des-X-izar, que  
figura no *corpus* de Sandmann na palavra *desdolarizar*. Essa exceção parece, no entanto,  
ser apenas aparente, visto que *dolarizar* é atestada desde a década de 70, pelo menos,  
conforme datação do Dicionário Eletrônico Houaiss 1.0.

Nossa segunda hipótese não é corroborada pelos resultados. Nota-se, por exemplo,  
que os padrões es-X-ear e en-X-ecer são produtivos, com índices  $\mathcal{P}$  de 0,118 e de 0,04,  
respectivamente. Esse resultado nos sugere que tanto *es-* como *-ecer* estão disponíveis  
para a formação de novos vocábulos parassintéticos. Contudo, o padrão resultante do  
cruzamento desses dois afixos, es-X-ecer, apresenta um índice de produtividade  $\mathcal{P}$  igual  
a zero.

Olhando para os *hapax legomena* do padrão es-X-ear, contudo, podemos ver uma  
possível razão para a refutação de nossa hipótese. As duas formações que ocorreram

Tabela 2: Valores de  $\mathcal{P}$  por padrão de parassíntese

<b>Padrão</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Hapax legomena</b>	<b><math>\mathcal{P}</math></b>
es- X -ear	17	2	0,118
des- X -ar	228	15	0,062
en- X - ecer	240	8	0,033
en- X -ar	1101	31	0,028
a- X -ar	1031	19	0,018
es- X -ar	181	2	0,11
a- X - ecer	79	0	0
a- X -izar	14	0	0
a- X -anhar	8	0	0
a- X -ejar	7	0	0
en- X -alhar	5	0	0
en- X -izar	3	0	0
es- X -ejar	6	0	0
es- X -ecer	138	0	0
re- X -ar	56	0	0
sub- X -âneo	14	0	0

apenas uma vez no *corpus* com esse padrão foram *esfomeados* e *estapeando*, em suas formas flexionadas. Contudo, *esfomeado* e *estapear* são ambas palavras dicionarizadas e bem conhecidas pelos falantes. O fato de terem aparecido apenas uma vez na totalidade do *corpus* pode ser mais um indicativo da raridade de contextos de uso dessas palavras no tipo de texto que compõe nossa amostra do que indicativo da alta produtividade desse padrão de parassíntese. Se dispuséssemos de um *corpus* maior, é provável que essas palavras aparecessem mais de uma vez, com a consequente diminuição do índice de produtividade do padrão es-X-ear.

Na Tabela 3, trazemos os *hapax legomena* dos padrões de parassíntese que se mostraram produtivos. Intuições sobre a familiaridade de itens lexicais variam de falante para falante, mas parece claro que há algumas formações novas ou bastante recentes nesse quadro, o que reforça a ideia de que o índice de produtividade  $\mathcal{P}$ , de Baayen (1992), tem um bom grau de correlação com a capacidade de um processo morfológico de renovar o léxico da língua. Como mencionado acima, a exceção é o padrão es-X-ear, que, embora tenha atingido um alto índice de produtividade no *corpus*, foi utilizado apenas em itens já institucionalizados. No Anexo A, estão disponíveis os contextos de ocorrência dos *hapax legomena* encontrados no *corpus*.

Os resultados de nosso exame de produtividade, utilizando o índice  $\mathcal{P}$  de Baayen (1992), corroboraram os achados de Sandmann (1988). Por outro lado, esses resultados dizem pouco sobre a segunda hipótese que lançamos na seção 5.2. Isso parece se dever,

Tabela 3: *Hapax legomena* encontrados no corpus

es-X-ear	<i>esfomeados, estapeando</i>
des-X-ar	<i>desbeijando, desburocratizado, descamar, descampado, descompassado, desesperançada, desflorar, desguruzam, deslanchado, desmemoriada, desmunhecar, despatriado, despudorado, desventurado</i>
en-X-ecer	<i>embrutecidos, emputecer, endoideceu, enegrecidas, enobrecerá, enriquecido, ensombrecida, entronizada, envileceu</i>
en-X-ar	<i>embanana, embandeirados, embarrada, embatucado, embestou, embolorada, emborrachado, emparelhados, empoça, empossado, encachaçado, encamisada, encanado, enca-retando, encastelada, encriptar, endemonia-dos, endireitar, endoida, enevoadado, enfronhar, enfumaçada, engaiolado, engarupados, en-gripa, enjaulado, enlargar, enrabichando, en-saca, entediar, entrincheirado, envidraçado</i>
a-X-ar	<i>abastardou, acamada, acautelar, acebolado, aclimatando, acotovela, acovardada, acultura-dos, adoentado, adoidado, afamado, afigura, afunilado, amestrasse, amoldar, amotinados, aparentados, aviadadas, avivar</i>
es-X-ar	<i>esfarinhados, esfiapa</i>

principalmente, ao tamanho restrito de nosso *corpus*.

Verificamos que a medida de produtividade proposta por Baayen (1992) parece se correlacionar em certa medida com a produtividade real de um processo morfológico, entendida aqui como sua disponibilidade para a formação de novas palavras. Fica, no entanto, evidente a limitação do presente estudo no que diz respeito ao tamanho do *corpus* utilizado. Os resultados obtidos por meio do índice  $\mathcal{P}$  são bastante dependentes das dimensões da amostra de dados, de modo que resultados mais precisos só podem ser obtidos com *corpora* mais representativos, sobretudo no que diz respeito a construções morfológicas de uso restrito.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos a estrutura e o uso da parassíntese no português. Essa investigação passou por três pontos fundamentais: a definição do processo, a caracterização da estrutura das construções parassintéticas e o exame da produtividade dessas construções.

Contrapondo análises que descrevem os dados do português por meio de um processo de parassíntese a análises que o fazem por meio de um processo de circunfixação, chegamos à conclusão de que a primeira dessas análises parece ser a mais adequada. Essa conclusão fundamenta-se na independência morfológica observada entre o constituinte prefixal e o constituinte sufixal nos dados relevantes. Essa independência pôde ser observada tanto na distinção das contribuições semânticas e funcionais de cada um desses elementos como na observação dos padrões distribucionais desses afixos na língua.

Escolhida uma análise parassintética, colocou-se o problema de considerá-la frente à Hipótese de Ramificação Binária, que proíbe interações simultâneas entre mais de dois constituintes morfológicos. Verificamos que essa hipótese pode ser mantida, com todo o seu poder preditivo, mesmo assumindo nossa análise parassintética, desde que assumamos uma visão da morfologia como um sistema gerativo que define as estruturas morfológicas possíveis em uma língua, não apenas as efetivamente existentes.

Por fim, trouxemos os resultados de um exame da produtividade dos padrões de parassíntese em textos escritos, que apresentou as construções *es-X-ar*, *des-X-ar*, *en-X-ecer*, *en-X-ar* e *a-X-ar* como produtivas, corroborando resultados presentes na literatura e acrescentando informações novas à descrição desse processo na língua portuguesa.

Nosso estudo apresenta a parassíntese como um processo menos excepcional do que ele parece ser à primeira vista e demonstra sua vitalidade no português sincrônico.



## REFERÊNCIAS

ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.

ARONOFF, M. Potential words, actual words, productivity and frequency. In: *Proceedings of the 13th International Congress of Linguistics*. [S.l.: s.n.], 1983. p. 163–171.

ARONOFF, M.; ANSHEN, F. Morphology and the Lexicon: Lexicalization and Productivity. In: \_\_\_\_\_. *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998. cap. 11, p. 237–247.

BAAYEN, R. H. On frequency, transparency, and productivity. In: \_\_\_\_\_. *Yearbook of Morphology*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1992. p. 181–208.

BAAYEN, R. H. Probabilistic Approaches to Morphology. In: \_\_\_\_\_. *Probabilistic Linguistics*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2003. cap. 7, p. 229–287.

BAAYEN, R. H.; LIEBER, R. Productivity and English derivation: a corpus-based study. *Linguistics*, v. 29, p. 801–844, 1991.

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. 8º. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007. 104 p. (Série Princípios).

BAUER, L. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 245 p. (Cambridge Studies in Linguistics 95).

BOOIJ, G. *Dutch morphology: a study of word formation in Generative Grammar*. Dordrecht: Foris, 1977.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

CULICOVER, P.; JACKENDOFF, R. *Simpler Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

- Di Sciullo, A.-M.; WILLIAMS, E. *On the Definition of Word*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1987. (Linguistic Inquiry Monographs 14).
- GUEVARA, E. Binary Branching and Linguistic Theory: Morphological Arguments. In: MANZINI, R.; SAVOIA, L. (Ed.). *Proceedings of the XXXII Incontro di Grammatica Generativa*. Alexandria: Edizioni dell'Orso, 2007.
- HALLE, M. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic Inquiry*, v. 4, p. 3–16, 1973.
- HLIBOWICKA-WEGLARZ, B. Recursos Morfológicos de Integração Aspectual na Língua Portuguesa. *Philologica*, v. 71, p. 143–154, 1998.
- LIEBER, R. *On the Organization of the Lexicon*. Tese (Doutorado) — MIT, Cambridge, Mass., 1980.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.
- MEL'CUK, I. *Aspects of the Theory of Morphology*. [S.l.]: Walter de Gruyter, 2006. 632 p. (Trends in Linguistics).
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 4ª. ed. Campinas: Pontes, 2002. 256 p.
- RIO-TORTO, G. M. Esquemas de circunfixação em português. In: \_\_\_\_\_. *Morfologia Derivacional: Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora, 1998. cap. 8.
- SANDMANN, A. J. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.
- SANDMANN, A. J. S. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1991. 79 p. (Repensando a língua portuguesa).
- SCALISE, S. *Generative Morphology*. Dordrecht: Foris Publications, 1984. 237 p. (Studies in Generative Grammar).
- SCHWINDT, L. C. O Prefixo no Português Brasileiro: Análise Prosódica e Lexical. *D.E.L.T.A.*, v. 17, n. 2, p. 175–207, 2001.
- VALENTE, A. C. M. de M. et al. Enfoques sobre Parassíntese em Português: da Tradição Gramatical à Lingüística Cognitiva. *ReVEL*, v. 7, n. 12, 2009.

## APÊNDICE A CÓDIGO-FONTE - PARAMINER.PY

```
#!/usr/bin/env python3
# -*- coding: utf-8 -*-
#
# Preparação de corpus sobre parassíntese.
#

__author__ = "Emanuel Souza de Quadros (manuquadros@gmail.com)"
__license__ = GPLv3 (http://www.gnu.org/licenses/gpl-3.0.txt)

import sqlite3 as sqlite
import parserhtml
import codecs
import string
import re
from operator import itemgetter

def read_db(address):
    '''
    Função que acessa o banco de textos e retorna uma lista de enuplas com o
    conteúdo de cada texto.
    '''
    con = sqlite.connect(address)
    cursor = con.cursor()

    cursor.execute('SELECT * FROM items')

    out = cursor.fetchall()

    cursor.close()
    con.close()

    return out

def parser(post):
    '''
    Função que invoca o parser que elimina as tags html e deixa apenas o texto
    dos posts.

    post: conteúdo html do post (string)

    data.output(): saída do parser
    '''

    data = parserhtml.PostContent()
    data.feed(post)
```

```

return data.output()

def check(word):
    '''
    Checa se word é uma palavra válida.

    Retorna 1 se for, 0 se não for.
    '''

    url_pattern = '.*http:|.*www.'

    # Checa, primeiramente, se há letras na sequência
    if any(char in string.ascii_letters for char in word):
        # se não for uma URL
        if not re.match(url_pattern, word):
            return 1
    else:
        return 0

def clean(str):
    '''
    Função que exclui sinais de pontuação da cadeia str.
    '''

    for char in string.punctuation:
        str = str.replace(char, ' ')

    return str

def get_words(posts):
    '''
    Função que extrai as palavras de um post e retorna uma lista de tuples contendo
    (palavra, endereço).
    '''

    # inicializar lista de saída
    output = []

    print("Preparando a lista...")

    for post in posts:
        # extrair endereço do post
        url = post[6]

        # extrair conteúdo do post
        if post[0]:
            data = parser(post[0] + '\n' + post[11])
        else:
            data = parser(post[11])

        pars = data.split('\n')

        for par in pars:
            cleanpar = clean(par)
            words = cleanpar.split(' ')
            for word in words:
                if check(word):
                    output.append((word, url))

```

```

return output

def save_db(data):
    '''
    Função que cria o banco de dados de palavras
    '''
    connection = sqlite.connect('corpus2.db')
    cursor = connection.cursor()

    # Criar a tabela do banco de dados, caso ela não exista, com um campo para a
    # palavra, um para os contextos de ocorrência e um para o número de tokens.
    try:
        cursor.execute('CREATE TABLE items (type VARCHAR(50) PRIMARY KEY, contexts \
            TEXT, token INTEGER)')
    except sqlite.OperationalError:
        pass

    counter = 0

    for datum in data:
        # Este bloco de execução insere as palavras do corpus no banco de dados,
        # somente se elas não tiverem aparecido antes. Caso se tente adicionar
        # uma palavra duplicada, a função encontra um sqlite.IntegrityError, não
        # modifica o banco de dados e passa para a próxima ocorrência.
        try:
            cursor.execute('INSERT INTO items (type, contexts, token) values \
                (?, ?, ?)', (datum[0], datum[1], str(1)))
            counter += 1
            data.remove(datum)
            print(counter)
        except sqlite.IntegrityError:
            pass

    counter = 0
    connection.commit()

    # Este bloco de execução repassa a lista de palavras do corpus,
    # incrementando o número de ocorrências dos types que já estão armazenados
    # no banco de dados.
    for datum in data:
        cursor.execute('UPDATE items SET token = token + 1, contexts = \
            contexts || ? WHERE type = ?', (('n' + datum[1], datum[0]))
        counter += 1
        if counter % 10000 == 0: connection.commit()
        print(counter)

    connection.commit()

    cursor.close()
    connection.close()

# Main land #

posts = read_db('/home/manu/.liferea_1.6/liferea.db')

data = get_words(posts)

print("Gravando...")

```

```
save_db(data)  
print('Done.')
```

## APÊNDICE B CÓDIGO-FONTE - PARSERHTML.PY

```
from html.parser import HTMLParser
import re

class PostContent(HTMLParser):

    def reset(self):
        self.pieces = []
        HTMLParser.reset(self)

    def handle_data(self, text):
        self.pieces.append(text)

    def handle_starttag(self, tag, attrs):
        seps = ('br', 'p', 'div')
        if tag in seps:
            self.pieces.append('\n')

    def output(self):
        output_str = "".join(self.pieces)
        output_str = re.sub('[\n]+', '\n', output_str)
        return output_str
```

## APÊNDICE C CÓDIGO-FONTE - PARASEARCH.PY

```
#!/usr/bin/env python3
# -*- coding: utf-8 -*-
#
# Lê um arquivo com expressões regulares e retorna um arquivo de output com
# a distribuição das palavras encontradas no corpus.
#

__author__ = "Emanuel Souza de Quadros (manuquadros@gmail.com)"
__license__ = "GPLv3 (http://www.gnu.org/licenses/gpl-3.0.txt)"

import re
import sqlite3 as sqlite
import sys

def get_regex(file):
    '''
    Lê expressões regulares do arquivo passado como input, checa se elas são
    válidas e as retorna como output.
    '''

    try:
        fsock = open(file, 'r')
        regex_list = fsock.readlines()

        # O bloco seguinte compila as expressões regulares. Caso alguma delas
        # seja mal formada, uma exceção é gerada, e a função tem valor de retorno
        # nulo.
        try:
            for index in range(0, len(regex_list)):
                regex_list[index] = re.compile(regex_list[index].strip())
            return regex_list

        except re.error:
            print('Há alguma expressão regular inválida no arquivo.')

    except IOError:
        print('Erro na leitura do arquivo.')

    finally:
        fsock.close()

def search(regexes):
    '''
    Faz a consulta das expressões regulares no corpus e retorna os resultados.
    '''
```



```

con = sqlite.connect('corpus2.db')
cursor = con.cursor()

result = []

counter = 1

for regex in regexes:
    # Este bloco de execução checa cada palavra do corpus em busca de itens
    # que se encaixem em cada uma das expressões regulares.
    query = cursor.execute('SELECT * FROM items')
    print(regex)
    match = lambda type: regex.match(type[0])
    matches = list(filter(match, query))
    for word in matches:
        if word not in result:
            result.append(word)

    print(str(counter))
    counter += 1

con.close()

return result

def write(data, outfile):
    '''
    Grava os dados no arquivo de output
    '''

    try:
        fsock = open(outfile, 'w')

        for item in data:
            fsock.write(item[0] + '\t' + str(item[2]) + '\n=====\\n')
            for url in item[1]:
                fsock.write(url)
            fsock.write('\\n\\n')

        fsock.write(str(len(data)))

    except IOError:
        print('Não foi possível gravar o arquivo de output')

    finally:
        fsock.close()

#
# Main land
#

if __name__ == "__main__":

    try:
        regex_list = get_regex(sys.argv[1])
        write(search(regex_list), sys.argv[2])
    except IndexError:
        print('Arquivo de output não especificado')

```

## APÊNDICE D EXPRESSÕES REGULARES

```

^a.*iz
^a.*ej
^a.*(ec|eç)
^a.*ad(o|a)
^a.*(ei|ea|eá|ee|eo)
^a.*(o$|a$|as|amos$|ais$|am$|ar|ár|áss|ass|ou$|ei$|e$|es$|emos$|eis$|em$|ai$|ando$|ad)
^em.*iz
^em.*ec
^em.*(o$|a$|as|amos$|ais$|am$|ar|ár|áss|ass|ou$|ei$|e$|es$|emos$|eis$|em$|ai$|ando$|ad)
^en.*iz
^en.*ec
^en.*(o$|a$|as|amos$|ais$|am$|ar|ár|áss|ass|ou$|ei$|e$|es$|emos$|eis$|em$|ai$|ando$|ad)
^es.*(ei|ea|eá|ee|eo)
^es.*ej
^es.*ec
^es.*iz
^es.*(o$|a$|as|amos$|ais$|am$|ar|ár|áss|ass|ou$|ei$|e$|es$|emos$|eis$|em$|ai$|ando$|ad)
^des.*ad
^des.*(o$|a$|as|amos$|ais$|am$|ar|ár|áss|ass|ou$|ei$|e$|es$|emos$|eis$|em$|ai$|ando$|ad)
^sub.*âneo
^re.*(o$|a$|as|amos$|ais$|am$|ar|ár|áss|ass|ou$|ei$|e$|es$|emos$|eis$|em$|ai$|ando$|ad)

```

## ANEXO A HAPAX LEGOMENA

Os endereços virtuais presentes neste anexo encontravam-se todos disponíveis no dia 11 de dezembro de 2009. Os contextos de ocorrência foram todos transcritos fielmente.

### es-X-ear

#### *esfomeados*

“Também já estão pingando na internet os primeiros comentários de quem já viu “Nine” pronto, e são todos sensacionais. Para os **esfomeados** como eu, tem até um blog no ar.” - <http://tonygoes.blogspot.com/2009/11/tchinema-italiano.html>

#### *estapeando*

“Em uma publicação no blog, Grove apresenta exemplos desse tipo de conteúdo com qualidade: um terremoto de magnitude 7,8 na China e um professor gritando e **estapeando** um estudante autista” - <http://audienciadeteve.blogspot.com/2009/11/youtube-abre-canal-para-jornalismo.html>

### des-X-ar

#### *desbeijando*

“Corte para fora, duas caras, **desbeijando** topada, madurando a decepa.” - <http://www.verbeat.org/blogs/hiperghetto/2009/08/gene-02-vivencia-da-venda.html>

#### *desburocratizado*

“Steve Rubel, diretor da Edelman Digital, anunciou em junho que abandonaria o seu blog, trocando-o pelo Posterous, plataforma de lifestreaming de uso simples e **desburocratizado**” - [http://www.interney.net/blogs/inagaki/2009/07/27/o\\_blog\\_esta\\_morto\\_mas\\_juro\\_que\\_ao\\_fui\\_e/](http://www.interney.net/blogs/inagaki/2009/07/27/o_blog_esta_morto_mas_juro_que_ao_fui_e/)

*descamar*

“tô aceitando até sangue de boi pras minhas unhas pararem de **descamar** enlouquecidamente” - <http://soshopaholic.wordpress.com/2009/10/21/a-louca-dos-esmaltes-ataca-novamente/>

*descampado*

“os lábios deixo além, no **descampado**, e peço ao pássaro que pelos cabelos atiro” - <http://www.verbeat.org/blogs/hiperghetto/2009/11/por-intermediado-blog-do.html>

*descompassado*

“Isso é amor, isso é o coração batendo **descompassado**” - [http://www.verbeat.org/blogs/michelsimoes/2009/10/diarios\\_da\\_mostra\\_2.html](http://www.verbeat.org/blogs/michelsimoes/2009/10/diarios_da_mostra_2.html)

*desesperançada*

“Tragédia pouca é bobagem para o diretor e roteirista Warwick Thorton, não bastava flagrar a monótona, miserável e **desesperançada** vida de uma comunidade aborígene cravada no interior australiano.” - [http://www.verbeat.org/blogs/michelsimoes/2009/11/diarios\\_da\\_mostra\\_13\\_1.html](http://www.verbeat.org/blogs/michelsimoes/2009/11/diarios_da_mostra_13_1.html)

*desflorar*

“Há homens em Guam cujo emprego em tempo integral é viajar pelo país e **desflorar** virgens, as quais pagam pelo privilégio de ter sexo pela primeira vez” - <http://www.insoonia.com/7-leis-bizarras>

*desguruzam*

“se esses seus fãs-leitores souberem dos seus gostos musicais, eles te **desguruzam** de vez” - <http://liberallibertarioliberalino.blogspot.com/2008/01/os-cds-do-meu-carro.html>

*deslanchado*

“O diretor-executivo da Agerba, Aristides Amorim, disse que a expectativa é de que na primeira quinzena de dezembro próximo seja **deslanchado** o processo licitatório das linhas do sistema complementar.” - <http://www.politicalivre.com.br/2009/11/agerba-informa-que-licitacao-para-transporte-complementar-sai-em-dezembro/>

*desmemoriada*

“Essa foi a parte mais interessante e relevante do episódio, apesar de ser estranho ver a bruxa ruiva andando para cima e para baixo com a bruxa **desmemoriada** já que até esse ponto as duas mal dividiram a tela.” - <http://blogna.tv/2009/11/23/eastwick-01x07-red-ants-and-black-widows/>

#### *desmunhecar*

“Por via das dúvidas, recomendo aos maconheiros de Campo Grande não **desmunhecar** ao pegar no baseado” - <http://verbeat.org/blogs/sergioleo/2009/09/o-ministro-e-a-perereca.html>

#### *despatriado*

“Você querido brazuca, e **despatriado** em algum lugar desse planeta” - <http://luzdeluma.blogspot.com/2009/10/se-voce-quer-que-o-brasil-mude-coopere.html>

#### *despudorado*

“Adoro o Rob Zombie, desde sempre e como diretor de filmes, mais ainda, porque o cara é cruel e **despudorado**.” - [http://rraurl.com/blogs/javiu/1427/O\\_terror\\_da\\_SEXTA\\_Halloween\\_O\\_Inicio\\_e\\_o\\_Michael\\_Jackson](http://rraurl.com/blogs/javiu/1427/O_terror_da_SEXTA_Halloween_O_Inicio_e_o_Michael_Jackson)

#### *desventurado*

“Se é um **desventurado** que eles querem para que possam dormir em paz debaixo de suas cobertas de seda emporcalhadas com a cortesia que golfaram nos ouvidos da baixada, terei o maior agrado em lhes saciar a fome de miséria.” - [http://verbeat.org/blogs/ishak/2009/11/aluga-se\\_martires.html](http://verbeat.org/blogs/ishak/2009/11/aluga-se_martires.html)

## **en-X-ecer**

#### *embrutecidos*

“Usar a triste doçura do clássico das Ronettes como contraponto a seus bandidos **embrutecidos** é um grande exemplo disso.” - <http://feeds.rraurl.com/~r/bateestaca/~3/eIMSWGw20I0/Blockbusters>

#### *emputecer*

“Essa coisa de **emputecer** um deus e tal, e ele se vingar depois alagando o mundo, manja?” - [http://www.verbeat.org/blogs/brigatti/2009/10/jornalismo\\_pe\\_na\\_lama.htm](http://www.verbeat.org/blogs/brigatti/2009/10/jornalismo_pe_na_lama.htm)

*endoideceu*

“já tinha sido muito garbosa na juventude, mas, ninguém sabe ao certo o porquê, **endoideceu** ainda moça, não dando chances às aproximações dos pretendentes que meu bisavô lhe arrumava.” - [http://verbeat.org/blogs/ishak/2009/11/alugase\\_martires.html](http://verbeat.org/blogs/ishak/2009/11/alugase_martires.html)

*enegrecidas*

“Todavia, como caía uma chuva torrencial e eu não tinha para aonde ir, detive-me por alguns instantes a folhear aquelas páginas **enegrecidas** e maculadas por um jornalismo torpe e tendencioso.” - <http://blogdobriguilino.blogspot.com/2009/11/enquanto-o-pig-ataca-record-se-a-pequena.html>

*enobrecerá*

“Para melhorar, vai ficar mais difícil usarem jornal pra embrulhar carne no açougue ou cocô de cachorro. O que **enobrecerá** a profissão de jornalista por tabela. Rsrs.” - <http://updateordie.com/updates/design/2009/11/jornal-vertical/>

*enriquecido*

“O Irã vai continuar sua experiência com enriquecimento de urânio ou vai comprar no exterior o urânio **enriquecido** de que precisa?” - <http://blogdobriguilino.blogspot.com/2009/11/quem-e-o-louco.html>

*ensombrecida*

“O amor não é o contrário da solidão: é a solidão compartilhada, habitada, iluminada – e, às vezes, **ensombrecida** – pela solidão do outro.” - <http://verbeat.org/blogs/razbliuto/2009/10/outubro-filosofia.html>

*entronizada*

“Era uma vistosa autoridade **entronizada** no Palácio do Planalto, cheia de diplomas e títulos *honoris causa*” - <http://alfabetizadospoliticos.blogspot.com/2009/11/adeus-fhc.html>

*envileceu*

“J. Carlos também critica o site, dizendo ser sua convicção que o site Política Livre **envileceu** (sic) a sua tarefa de produzir um jornalismo sério, honesto e descomprometido quando colocou o talento de seus redatores a serviço de uma tarefa menor” - <http://www.politicalivre.com.br/2009/11/j-carlos-se-defende-de-acusacao-da-forca-sindical/>

## en-X-ar

### *embanana*

“Pontua mal, **embanana-se** em conjugações e, não raro, confunde-se nas regências.” - <http://blogdobriguilino.blogspot.com/2009/11/caetano-veloso-e-perfeita-imbecilidade.html>

### *embandeirados*

“as ruas de São Paulo estavam vazias, mas com algumas luzes acesas apesar dos semáforos **embandeirados**.” - <http://dialetica.org/marmota/onde-voce-estava-na-noite-de-11-de-marco-de-1999/>

### *embarrada*

“Apesar do susto, a única consequência foi passar o resto do dia **embarrada** da cintura até as canelas.” - <http://blosque.com/2009/10/porto-de-galinhas-jipe-safari.html>

### *embestou*

“ainda não quebrava tudo, mas me negava a participar. como aquela vez em que a professora da segunda série **embestou** que o cartão de dia das mães tinha que ter um beijo a **batom na capa**” - [http://www.verbeat.org/blogs/bereteando/2009/06/junino\\_soy\\_contra\\_bereteio.html](http://www.verbeat.org/blogs/bereteando/2009/06/junino_soy_contra_bereteio.html)

### *embolorada*

“enquanto grupos segregados, desunidos, portanto fracos, continuarem ”batalhando” por seus interesses particulares e não saírem (não sairmos!) às ruas aos milhões, a coisa **embolorada** - que boia, como disse o Diego -, permanecerá por aí.” - [http://verbeat.org/blogs/aldurin/2009/05/rumo\\_a\\_revolucao.html](http://verbeat.org/blogs/aldurin/2009/05/rumo_a_revolucao.html)

### *emborrachado*

“começar pela tampa, que evita o clichê do “Black Piano” (lindo, mas que acumula impressões digitais como ninguém) e é feita de plástico preto fosco, com um toque **emborrachado**.” - <http://br-linux.org/2009/lg-x120-belo-e-equilibrado-e-com-linux-em-boot-expresso/>

### *emparelhados*

“entre o fim de janeiro e o início de março próximos, os dois estarão “**emparelhados**”.” - <http://blogdobriguilino.blogspot.com/2009/11/chamaram-me-atencao-duas-notas.html>

*empoça*

“O que não é instante nem eterno, estado: aí o córrego se **empoça**” - <http://www.verbeat.org/blogs/hiperghetto/2009/10/vi-o-que-nao-e.html>

*empossado*

“Chama-se João Vaccari Neto o novo Delúbio Soares do PT. Será **empossado**, em fevereiro, na função de tesoureiro do partido.” - <http://www.politicalivre.com.br/2009/11/novo-tesoureiro-do-pt-preside-uma-entidade-suspeita/>

*encachaçado*

“O mais interessante de ser o “bendito fruto” do núcleo **encachaçado** masculino é, obviamente, o papo e a troca de ideias.” - <http://papodehomem.com.br/mulheres-boas-de-copo/>

*encamisada*

“Continuaremos inalando pelo ar o veneno dos tendenciosos; cânones de uma “imprensa oficial” cada vez mais **encamisada** pelo clubismo parcial.” - <http://catedraldeluz.blogspot.com/2009/09/148-depois-da-colina-guerra-continua.html>

*encanado*

“Especialmente para quem mora em cidades como o Rio de Janeiro, com gás **encanado** e aquecedores a gás.” - <http://digitaldrops.com.br/drops/2009/10/gadget-para-detectar-vazamento-de-gas.html>

*encaretando*

“O tempo foi passando, e o Mickey foi **encaretando**. Seu papel de endiabrado foi roubado pelo Pato Donald” - <http://tonygoes.blogspot.com/2009/11/hey-mickey-youre-so-fine.html>

*encastelada*

“Alheia à dignidade nacional, a direita **encastelada** no STF parecia repetir a palavra de ordem dos reacionários na imortal peça Arena Conta Zumbi: “Unamo-nos todos a serviço do rei de fora contra o inimigo de dentro!”” - <http://celsolungaretti-orebate.blogspot.com/2009/09/rolo-compressor-do-stf-infringe.html>

*encriptar*



“Basicamente o sujeito está falando do Bitlocker, tecnologia de criptografia que permite **encriptar** on-the-fly discos no Windows.” - <http://meiobit.com/meio-bit/software/windows-7-para-so-de-ped-filos-ou-inferno-de-politicos-sem-n>

#### *endemoniados*

“E na rua seguindo meu rumo, não pude deixar de pensar no vendedor como um desses cavaleiros andantes, vencendo moinhos, edifícios, carros, televisores e outros tantos **endemoniados** gigantes” - <http://www.verbeat.org/blogs/aleph/2009/03/tijolos.html>

#### *endireitar*

“Pior do que o absurdo informado no trecho reproduzido acima é o fato de a família não se **endireitar**, mesmo após sucessivas denúncias e desgastes por conta de viagens pagas com dinheiro público.” - <http://perspectivapolitica.com.br/2009/11/08/primeira-dama-do-ceara-voa-para-diversos-paises-por-conta-do-estado/>

#### *endoida*

““vamos **endoida** vamos hellokids” - pérola do cancionero popular brasileiro.” - <http://verbeat.org/blogs/ishak/2009/11/vang.html>

#### *enevoado*

“Vencido pelo cansaço, saí à 01h da madrugada com o DJ Chris Lake entrando no palco que insistia em nos impressionar ao longe com raios-laser dignos de um ovni pousado no meio de um campo **enevoado** na Serra do Mar.” - [http://rraurl.com/blogs/musicness/1522/Ainda\\_Tribaltech](http://rraurl.com/blogs/musicness/1522/Ainda_Tribaltech)

#### *enfronhar*

“Tentei me **enfronhar** no Twitter, mas embora haja cadastrado o celular lá, a coisa não tá rolando e eu sem saco nem condições de ver porque.” - [http://www.verbeat.org/blogs/eporaqui/2009/05/inaugurando\\_a\\_s.html](http://www.verbeat.org/blogs/eporaqui/2009/05/inaugurando_a_s.html)

#### *enfumaçada*

“Quem abre computadores profissionalmente já encontrou coisa MUITO pior do que poeira **enfumaçada**.” - <http://meiobit.com/meio-bit/apple-e-mac/quem-diria-apple-n-o-gosta-de-passivos-ao-menos-fumantes>

#### *engaiolado*

“Faustão disse que é uma questão de inteligência: “Quando você vem para o mundo, não basta ser feliz, tem de espalhar sua felicidade para o maior número possível de pessoas. Não é ser bonzinho, é ser inteligente, não adianta ficar **engaiolado** em condomínio””  
- <http://audienciadeteve.blogspot.com/2009/11/minha-saude-esta-em-primeiro-lugar-diz.html>

#### *engarupados*

“ou pelo menos tentou voltar, pois na altura do bairro Currallinho, já em Pouso Alegre, dois motoqueiros de preto, **engarupados** emparelharam ao gol verde, apontaram um trezoitão e exigiram o “dim-dim ou a vida”.” - <http://valeindependente.wordpress.com/2009/11/22/agricultor-leva-tiro-mas-nao-entrega-o-dinheiro-aos-assaltantes/>

#### *engripa*

“Família que **engripa** unida... Sabe cumé! É época de gripe, né não? Melhoras a todos...” - <http://tinyurl.com/ya8kxud>

#### *enjaulado*

“e busca o singelo dentro de momentos agudos como na cena do garoto que oferece o passarinho **enjaulado** ao pai” - [http://www.verbeat.org/blogs/michelsimoes/2009/11/diarios\\_da\\_mostra\\_9\\_1.html](http://www.verbeat.org/blogs/michelsimoes/2009/11/diarios_da_mostra_9_1.html)

#### *enlargar*

“Nenhuma medida possível conseguirá impedir as pessoas que querem ganhar iPods Grátis, **enlargar** o pênis e perder peso agora de clicar em tudo que aparece, sem qualquer critério.” - <http://meiobit.com/meio-bit/google/google-protendendo-dinheiro-dos-trouxas>

#### *enrabichando*

“Pois bem, Mika. Eles dois estão se **enrabichando**.” - <http://www.mundogump.com.br/tragedia-cigana-parte-3/>

#### *ensaca*

“para quem o farela, pesa e **ensaca**.” - <http://www.verbeat.org/blogs/hiperghetto/2009/08/gene-02-vivencia-da-venda.html>

#### *entediado*

“Cada música tinha direito a dançarinos que se revezavam em coreografias diferentes umas das outras, dando uma fluidez a um espetáculo que poderia **entediado**, mas ao

contrário, enchia os olhos.” - [http://rraurl.com/blogs/musicness/1522/Ainda\\_Tribaltech](http://rraurl.com/blogs/musicness/1522/Ainda_Tribaltech)

#### *entrincheirado*

“Em um romance firmemente **entrincheirado** no território do “outro”, o leitor burguês não tem nenhum personagem confortável com o qual se identificar.” - <http://tinyurl.com/yeh5en8>

#### *envidraçado*

“Enfim, as críticas têm fundamento - só que o elevador do Air é todo **envidraçado**, e tem vistas lindas para o espaço sideral.” - <http://tonygoes.blogspot.com/2009/11/elevador-panoramico.html>

### **a-X-ar**

#### *abastardou*

““Viemos para a Bahia, pensando: será possível quebrar a hegemonia desse poder que no Brasil se instalou, **abastardou-se** na corrupção, na mentira, na manipulação da consciência? Era o desafio ao qual nos propúnhamos”, escreveu Yolanda.” - <http://bahiadefato.blogspot.com/2009/11/waldir-pires-familiares-e-amigos.html>

#### *acamada*

“Ou achas engodo a poeira **acamada** nas prateleiras, formas, volumes, texturas?” - <http://www.verbeat.org/blogs/hiperghetto/2009/08/gene-02-vivencia-da-venda.html>

#### *acebolado*

“Cê já foi ao Mercado Central comer um fígado **acebolado** com jiló.” - <http://caminhotrilhado.blogspot.com/2009/09/belorizontino-e-um-trem-bom.html>

#### *aclimatando*

“Foram planejadas e executadas comissões específicas para arremetidas no ar e toques e arremetidas com os aviões, **aclimatando** paulatinamente o pessoal envolvido com as operações de asa fixa.” - <http://www.naval.com.br/blog/2009/11/04/luz-de-alerta-no-convoo-o-desafio-da-retomada-das-operacoes-aereas-no-nae-sao-paulo/>

*acotovela*

“Só que enquanto a perua dorminhoca fica lá dentro, roncando por 100 anos, a patetada toda se **acotovela** do lado de fora.” - <http://cheriaparis.blogspot.com/2009/08/um-pateta-na-eurodisney.html>

*acovardada*

“Lula assumiu uma posição vexatória, algo **acovardada**.” - <http://celsolungaretti-orebate.blogspot.com/2009/09/inocentes-uteis-ajudam-direita.html>

*aculturados*

“Por ter sua origem nos movimentos Populistas de esquerda e com estes conviver por toda sua trajetória pública e política, estes que são os únicos capazes de convocar e mobilizar as massas nas ruas, seja vendendo utopias baratas aos necessitados e **aculturados** afim de se efetivarem no poder e ascenderem socialmente, realizando em si mesmos o ápice do Comunismo e Socialismo, seja usando de baderna e anarquia como Todo Comunista/Socialista as faz.” - <http://direitistasdobrasil.blogspot.com/2009/09/mas-de-onde-saiu-este-tal-de-lula-mas.html>

*adoentado*

“Nesta mesma época o zagueiro Dão vivia um drama familiar com seu filho que estava **adoentado**.” - <http://blogdopaulinho.wordpress.com/2009/11/22/solidariedade-bugrina/>

*adoidado*

“Ando de bike **adoidado** pela cidade e ele não pesa nas costas, nem me deixa insegura com gatunos.” - [http://www.odontopalm.com.br/gsf/arquivo/2008/11/o\\_mais\\_novo\\_mem.html](http://www.odontopalm.com.br/gsf/arquivo/2008/11/o_mais_novo_mem.html)

*afamado*

“O substituto do **afamado** Delúbio Soares, pelo visto, também é problemático” - <http://www.politicalivre.com.br/2009/11/novo-tesoureiro-do-pt-preside-uma-entidade-suspeita/>

*afigura*

“Orientado para arrancar lágrimas das platéias e doutrinar a multidão de párias, *Lula, o filho do Brasil* **afigura-se** como estética e politicamente ocioso, um filme fadado a ocupar lugar de destaque no museu de curiosidades bizarras de nossa história, como se já não

as houvesse em número bastante.” - <http://massote.pro.br/2009/11/lula-o-filme-paulo-barbosa/>

#### *afunilado*

“As chances voltaram a brilhar para o Figueira e o campeonato **afunilado** está começando a escrever nosso nome na lista do acesso.” - <http://wagneralvinegro.blogspot.com/2009/10/um-zero-e-goleada-5-x-1-ja-foi-bom.html>

#### *amestrasse*

“Outro truque que aprendi nas redações, ao contrário do que imaginavam as focas, doidas que estavam para que alguém as **amestrasse** num pau-de-arara.” - [http://verbeat.org/blogs/ishak/2009/11/aluga-se\\_martires.html](http://verbeat.org/blogs/ishak/2009/11/aluga-se_martires.html)

#### *amoldar*

“Deixou para atrás as experiências dos sessenta e estará disposto a **amoldar-se** ao novo modelo?” - <http://massote.pro.br/2009/10/o-uruguai-de-pepe-mujica-antonio-peredo/>

#### *amotinados*

“Em 15 de novembro de 1889, **amotinados** do Exército brasileiro instituíram o regime republicano no País” - <http://perspectivapolitica.com.br/2009/11/08/coluna-do-dia-120-anos-de-republica-pouca-ordem-e-progresso/>

#### *aparentados*

“como quer que se chamem os seguidores de Foucault, Derrida e **aparentados**, que infestam o pensamento acadêmico” - <http://verbeat.org/blogs/razbliuto/2009/11/pos-modernos.html>

#### *aviadadas*

“Lá o nome “Yuri” significa “lírio”, “arco e flecha”, “flor pequena e delicada”. Coisas bem **aviadadas** mesmo” - <http://boacampeao.blogspot.com/2009/01/yuri-e-nome-de-viado.html>

#### *avivar*

“e, não precisa muito esforço, repare nas bancas improvisadas de frutas, verduras, peixes e afins, que a manhã a pino só consegue **avivar** a feiura e o fedor” - <http://www.verbeat.org/blogs/hiperghetto/2009/08/do-livro-ao-longo-da.html>

**es-X-ar***esfarinhados*

“Divida a massa em seis potinhos individuais untados com bastante manteiga e **esfarinhados**.” - <http://saborsaudade.blogspot.com/2009/10/bolo-cremoso-de-tangerina-e-limao.html>

*esfiapa*

“Da lata aberta por faca e martelo na pancada  
sobra beijo pendurado  
que **esfiapa**.” - <http://www.verbeat.org/blogs/hiperghetto/2009/08/gene-02-vivencia-da-venda.html>